

currículo oficial
Marilde Queiroz Guedes

DOCUMENTO

Fórum dos Diretores das Faculdades/Centros/
Departamentos de Educação das Instituições
Públicas Brasileiras

Carta do Seminário a profissão do professor
em Goiás

Segundo Congresso Nacional de Investigación
Educativa: pensando o presente: huellas,
visibilidades y desafios

Escola rural: urbanização e políticas
educacionais
Dilsilene Maria Ayres de Santana

EDITORIAL

“Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos outros todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com educação. Com uma ou com várias: educação? Educações.” Esse trecho, retirado do livro bastante conhecido entre nós: *O que é educação*, de Carlos Rodrigues Brandão, serve de boa introdução aos temas discutidos neste e em números anteriores da Revista INTER-AÇÃO. Ele apresenta, de forma simples, a razão pela qual a educação necessita

ser compreendida sob múltiplos enfoques: o antropológico, o sociológico, o econômico, o psicológico, o biológico, o histórico, o pedagógico, dentre outros. Não há uma, mas várias formas de educação. Não há uma, mas várias formas de aproximar-se conceitualmente dela, de compreender esse fenômeno complexo e multidimensional. Uma delas é a abordagem antropológica da educação, tal como faz o próprio Carlos Brandão no artigo *Sobre teias e tramas de aprender e ensinar*, que abre a seção Artigos da presente edição. Segundo o autor, aos olhos da antropologia, a educação é cultura, ou seja, faz parte dos sistemas de símbolos e significados de uma determinada cultura. Isso precisa ser sempre mais sistematizado, daí a necessidade de aproximação entre antropologia e educação.

Outras aproximações, desta vez entre educação, sociologia e trabalho, são realizadas nos dois artigos seguintes: *Classes sociais, movimentos sociais e cidadania: velhos paradigmas, novas perspectivas*, de Ângela Cristina Belém Mascarenhas e *Trabalho e profissionalização da educação*, de Maria das Graças Bueno da Silva. O primeiro discute o conceito de classes sociais e sua relação com questões da cidadania e dos movimentos sociais. O segundo focaliza o lugar da educação escolar e do trabalho dos professores nos discursos e práticas da atual política educacional brasileira, no contexto da discussão da reorganização do mundo do trabalho, pelo qual passa a sociedade capitalista nas últimas décadas.

Aproximações entre as dimensões macro e micro da educação podem ser encontradas no artigo de Marta Jane, intitulado *A política educacional da SME de Goiânia: subprojeto aceleração da aprendizagem*. Nele, a autora levanta e analisa alguns questionamentos a respeito do subprojeto aceleração da aprendizagem, elaborado pelo MEC e implantado pela Secretaria Municipal de Educação

de Goiânia (SME), no contexto do projeto Escola para o século XXI, implantado pela SME em 1998. Nessa mesma linha de aproximações, Rosana Maria Ribeiro Borges, em *Educação a distância (ou a favor da distância?)*, discute os avanços e retrocessos da educação a distância, considerando as parcerias existentes atualmente entre a sociedade civil e os órgãos governamentais, para a implementação de programas dessa natureza.

Finalizando a seção, em *Alfabetizações e analfabetismos – contradições visualizadas por A Viñao Frago*, Lenita Maria Junqueira Schultz, nos conduz à reflexão a respeito das sociedades basicamente orais e daquelas caracterizadas pela leitura escrita e sobre os resultados negativos e positivos da passagem de uma para outra. Situa o papel da escola, nesse processo, tendo como referência as contradições visualizadas por A Viñao Frago, especialmente no que diz respeito aos termos alfabetização e analfabetismo.

Buscando não só aproximações, mas também diferentes pontos de vista, a seção seguinte foi organizada com dois estudos. O de Hamilton Barbosa Napolitano e Itamar José Moraes, intitulado *Alguns elementos essenciais no ensino de Ciências*, argumenta em favor de que o ensino de ciências seja realizado com base em 4 elementos essenciais (compreensão social, competência didática, domínio de conteúdo e compromisso ético), os quais, articulados durante a aula, poderiam aumentar a capacidade da física em ser significativa ao aluno. O de Marilde Queiroz Guedes, *Parâmetros curriculares nacionais ou o currículo oficial*, apresenta uma visão crítica dos temas transversais apresentados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e defende, em oposição a eles, uma proposta de educação que contemple a pluralidade cultural, isto é, que garanta espaço diferentes vozes, de diferentes grupos, que valorize e incorpore no currículo as culturas vividas

dos estudantes.

Na última seção desse número são apresentados três documentos: o Documento final da reunião da Regional Centro-Oeste do *Fórum dos Diretores das Faculdades/Centros/Departamentos de Educação das Instituições Públicas Brasileiras* (realizado no período de 30, 31 de outubro e 1º de novembro de 2000, em Campo Grande – MT); a *Carta do Seminário A profissão do professor em Goiás*, promovido pelo Fórum Estadual em Defesa da Escola Pública (realizado em 28, 29 e 30 de março, em Goiânia-GO) e a apresentação do *Segundo Congresso Nacional de Investigación Educativa: pensando o presente: huellas, visibilidades y desafíos* (a ser realizado nos dias 24, 25 e 26 de outubro de 2001, na Patagônia-Argentina). Compõe, ainda, o presente número a Resenha do livro *Escola rural: urbanização e políticas educacionais*, de Sérgio Celani Leite, elaborada por Dilsilene Maria Ayres de Santana.

Assim está organizado esse número da revista INTER-AÇÃO.

Conselho Editorial